



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

CURSO DE GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA

RAYANA MONTEIRO DOS SANTOS

**A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E MEMÓRIA NOS GRUPOS DE IDOSOS:
REVISÃO DE LITERATURA**

Salvador
2018

RAYANA MONTEIRO DOS SANTOS

**A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E MEMÓRIA NOS GRUPOS DE IDOSOS:
REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Fonoaudiologia.

Orientador: **Prof. Dr. Marcus Vinicius Borges Oliveira**

Salvador
2018

RESUMO

Um dos principais desafios deste século trata do envelhecimento populacional, o que exige que pensemos nas demandas específicas desta população, tais como as dificuldades de memória. A relação desta com a linguagem nos permite discutir aspectos que vão desde a história pessoal dos sujeitos na cultura de que fazem parte até os limites entre a normalidade e a patologia.

Objetivo: Analisar as produções científicas acerca do trabalho com a relação entre a linguagem e a memória com grupo de idosos. **Metodologia:** trata-se de uma revisão de literatura de caráter integrativo, sendo utilizadas as bases de dados Scielo, Periódico Capes e Lilacs. O estudo analisou apenas produções em português, sem período de publicação pré-estabelecido e os artigos foram selecionados a partir da leitura de seus respectivos resumos. **Resultados:** Foram encontrados 191 artigos, sendo 10 excluídos da análise por serem artigos repetidos e 176 por não serem pertinentes ao tema. Dentre os cinco artigos analisados, dois artigos tem natureza quantitativa e experimental na perspectiva considerada neuropsicológica e três artigos de caráter qualitativo, nos quais dois foram orientados pela perspectiva Bakhtiniana e um utilizou análise de conteúdo descrita por Bardin. **Conclusão:** Observou-se que a concepção teórico-metodológica dos artigos determina radicalmente como podem se relacionar memória e linguagem e que, sendo assim, esta relação pode ser vista como uma interação de funções cognitivas modulares ou como constitutiva do sujeito e de sua história.

Palavras-chave: Envelhecimento; Linguagem; Fonoaudiologia; Memória.

ABSTRACT

Introduction: One of the biggest challenges to the 21st century is the population aging, which demands the solution to problems related to these people like memory diseases. The relation between language and mind permits us to discuss aspects from the histories of the people inside the culture they live to the limits of pathology and a normal life. **Objectives:** Analyse scientific productions about the works related to the link between language and memory inside an elderly group. **Methodology:** The article is a integrative literature review. We used databases as Scielo, Periódico Capes and Lilacs. The study only analyses Portuguese productions, without pre-established period of publication and the articles were selected from the reading of it abstracts. **Results:** We found 191 articles, 10 of them were excluded from the analysis for being replicated and 176 for not belonging to the theme. Among the 5 analyzed articles, 2 of them have quantitative and experimental nature in a perspective called neuropsychological, and 3 of them has a qualitative feature, being 2 of them oriented by Bakhtinian perspective and the last one used Bardin's speech analysis. **Conclusion:** It was observed that the theoretical methodological conception of the articles radically determine how can memory and language be related and, therefore, depending on the kind of the study, this relation can be seen as an interactions of modular cognitive functions or as constitutive of it subject and its history.

Keywords: Aging, Language; Speech Therapy; Memory.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. Objetivos	8
2.1 Objetivo Geral	8
2.2 Objetivos Específicos	8
3. Metodologia	9
4. Resultados	10
5. Discussão	14
6. Considerações Finais	20
Referências	22
Anexos	25

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional é considerado uma consequência do desenvolvimento, pois, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, são considerados idosos pessoas com idade a partir dos 65 anos em nações desenvolvidas e 60 anos nos países emergentes¹. Segundo o IBGE², em 2030 o índice de envelhecimento da população brasileira será de 73,39% e na Bahia de 65,33%, estes índices nos impõem a necessidade de refletir sobre os efeitos do envelhecimento na sociedade em termos de saúde pública.

Historicamente, com base na Constituição de 1988³, foram desenvolvidos a Política Nacional do Idoso, o Estatuto do Idoso e a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, os quais buscam ressaltar a promoção da saúde, da autonomia, da integração e da participação efetiva de pessoas, com 60 anos ou mais, na sociedade^{4,5}. Conforme a Política Nacional do Idoso (decreto n. 1.948 – 1996), “a pessoa idosa deve ter assegurado seus direitos sociais, a partir de políticas que criem condições de promover sua autonomia, integração e participação ativa na sociedade”⁶. De acordo com o Estatuto do Idoso⁴:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar à pessoa idosa, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Entretanto, além dos aspectos legais, durante a Assembleia Mundial sobre Envelhecimento, em Madrid, foi elaborado um Plano de Ação Internacional do Envelhecimento (2002) que se encarrega da promoção de uma abordagem positiva frente ao envelhecimento, superando estereótipos depreciativos e imagens distorcidas que representam os idosos como peso social e problema econômico. Ainda, em função da Assembleia de Madrid, foi elaborado documento intitulado: “Envelhecimento Ativo - uma política de saúde”. Segundo esse documento, o envelhecimento ativo é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos idosos. Nesse sentido, a palavra “ativo” não refere-se meramente a capacidade de

estarem fisicamente produtivas ou de fazer parte da força de trabalho, declínio ou doença, mas sim a participação e contínuo envolvimento de pessoas idosas nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis que dizem respeito às comunidades em que estão inseridas⁷.

Vemos aqui que não se trata apenas de envelhecer, mas de envelhecer bem e de forma digna e, para isso, é imprescindível que se considere a qualidade e autonomia que o idoso terá em seu processo de envelhecimento. Os idosos podem alcançar autonomia e qualidade de vida na medida em que, ao superarem preconceitos impostos por uma sociedade que privilegia o novo, assumirem-se como protagonistas de suas histórias e reivindicarem seus direitos de cidadania, de prazer e de reconhecimento social⁷. Sendo possível através da participação em grupos de promoção à saúde, pois, seus objetivos sempre buscam, de forma contínua, desenvolver ou potencializar habilidades, autonomia e atitudes a cerca do enfrentamento de condições evitáveis que gerem sofrimento⁸.

Geralmente esses grupos possuem um caráter interdisciplinar e são constituídos por pessoas que interagem com a finalidade de realizar uma tarefa de promoção de saúde. Ou seja, os grupos podem ser utilizados como ferramenta promotora de saúde, pois dão ênfase a erradicação ou diminuição de doenças ou perdas das capacidades funcionais e manutenção ou desenvolvimento da autonomia⁸. Sendo assim, as Oficinas de Linguagem podem ser consideradas também como estratégia facilitadora na promoção de saúde, uma vez que discute práticas educativas dialógicas, democráticas e transformadoras acerca do sujeito⁹.

A presença de patologias associadas ao envelhecimento não pode ser tratada como natural, pois, de um lado, o envelhecer existe tanto como um processo progressivo de diminuição de reserva funcional – a senescência – e, do outro, como o desenvolvimento de uma condição patológica – a senilidade. Apesar disso, na sociedade em que vivemos, a preocupação com o envelhecimento das populações e suas consequências psicológicas, sociais e econômicas é recente e a atenção tem sido orientada e limitada a certos auxílios às necessidades biológicas¹.

No que diz respeito à memória e a linguagem, como afirmam Oliveira e Oliveira¹⁰, estes domínios são normalmente tratados separadamente no meio acadêmico, no entanto, para os autores, estudar as diferentes concepções que ligam

memória e linguagem pode ajudar a elucidar pontos importantes que estão clinicamente ligados ao envelhecimento, tanto na normalidade quanto nas patologias.

Nesse sentido, pensar sobre o trabalho na relação entre a memória e a linguagem em grupo de idosos torna-se imprescindível para promover políticas públicas que comprometam-se de forma efetiva com a inserção dos sujeitos idosos na sociedade atual, concretizando ações que, privilegiando atividades com e pelas modalidades oral e escrita da linguagem, sejam capazes de promover o envelhecimento saudável, digno e bem-sucedido, pautado nos princípios de uma sociedade aberta a todas as idades^{11,12}.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar as produções científicas acerca do trabalho com a relação entre a memória e linguagem em grupo de idosos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir sobre o papel do trabalho com a relação entre a memória e a linguagem na qualidade de vida dos idosos.
- Conhecer as diferentes abordagens sobre a relação entre a memória e a linguagem.
- Compreender como o trabalho com a relação entre a linguagem e a memória podem ser utilizadas como estratégia na promoção de saúde no envelhecimento.

3. METODOLOGIA

Este estudo trata de uma revisão de literatura de caráter integrativo, tendo como bases de dados utilizadas Scielo, Periódico Capes e Lilacs. Como critérios de inclusão, foram analisadas apenas produções em português, sem período de produção pré-estabelecido e, a partir da leitura dos resumos, foram selecionados e analisados aqueles artigos que discutem sobre como o trabalho que envolve a linguagem e a memória influenciam a dinâmica nos grupos de sujeitos idosos, disponíveis na íntegra e gratuitamente. Foram excluídos da amostra artigos que não estivessem pertinentes à temática do trabalho por meio da intersecção de três temas relacionados; i) O trabalho em grupo, ii) A relação entre Memória e Linguagem e iii) Envelhecimento.

Para a busca foram selecionadas as palavras de busca a partir dos Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), sendo assim, utilizamos os seguintes descritores: linguagem, envelhecimento, narrativas pessoais, memória e fonoaudiologia.

Os descritores foram combinados nas respectivas bases de dados, utilizando apenas o Operador Booleano AND, da seguinte maneira:

- Envelhecimento AND Linguagem AND Memória
- Fonoaudiologia AND Linguagem AND Envelhecimento
- Envelhecimento AND Narrativas Pessoais

4. RESULTADOS

Os resultados obtidos através da combinação dos descritores encontram-se na tabela 1. Foram excluídos da análise 176 por não serem pertinentes ao tema, 10 por serem repetidos, sendo assim, analisados cinco artigos. Alguns artigos pertinentes ao trabalho não apareceram nas buscas, provavelmente pela dificuldade em encontrar os descritores na plataforma DeCS. Ressaltamos que palavras como oficinas, grupos, atividade em grupo, não estão presentes nesta plataforma como descritores.

Tabela 1

O artigo “Linguagem e Envelhecimento: práticas de escrita autobiográfica junto a idosos” escrito por Giselle Massi, Ana Paula Berberian, Ana Cristina Guarinello, Regina Celebrone Lourenço, Rita Tonocchi e José Stechman Neto, publicado em 2005, teve como objetivo analisar, sob a perspectiva do letramento, os efeitos que práticas de escritas autobiográficas podem influenciar na autonomia e no bem estar de sujeitos idosos. Trata-se de um estudo de caso no qual participaram oito sujeitos idosos que fizeram parte de encontros semanais, nos quais foi realizada a Oficina de Linguagem numa Unidade Básica de Saúde, na cidade de Curitiba, Paraná. A Oficina de Linguagem teve como objetivo promover o letramento entre idosos e foi realizada num período de 8 meses. Os primeiros quatro meses foram utilizados textos de diversos gêneros discursivos com temas como velhice e família para desencadear discussões e diálogos entre os participantes. Após as leituras e as discussões foram realizadas narrativas orais acerca das histórias de vida dos sujeitos. Em um momento posterior, as narrativas são escritas e reescritas por mais quatro meses. Para o estudo foi utilizado entrevista semiestruturada com perguntas focadas nas atividades de escrita antes e depois da participação da Oficina de Linguagem. As respostas foram analisadas qualitativamente e a partir destas foi possível afirmar que a prática de letramento através da escrita autobiográfica pode trazer para o sujeito idoso a sensação de bem estar, a autoestima e permitir que usufruam de seus direitos e exerçam seus deveres como cidadãos.

O artigo “Efeitos de um treino de atenção, memória e funções executivas na cognição de idosos saudáveis”, escrito por Tatiana Quarti Irigaray, Irenio Gomes Filho e Rodolfo Herberto Schneider em 2010, teve como objetivo verificar os efeitos

na cognição de idosos saudáveis a partir de 12 sessões num programa de treino de atenção, memória e funções executivas. Participaram do estudo, 76 idosos socialmente ativos, em Porto Alegre, com idade entre 60 e 89 anos e foram separados em dois grupos. O estudo foi dividido em duas etapas, a primeira consistiu numa entrevista inicial em 120 idosos, na qual os idosos assinaram termo de consentimento e aplicados o Mini Exame do Estado Mental, o Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve, o teste Wisconsin de Classificação de Cartas, além do Inventário de Ansiedade de Beck e a escala de Depressão geriátrica, foram retirados nessa fase 10 idosos. Na segunda etapa, 110 idosos foram divididos em dois grupos, GE e GC. O GE foi composto por indivíduos que realizam apenas atividades físicas, ocupacionais e sociais, sem realizar atividades cognitivas; o GC foi composto apenas por idosos de um grupo de Porto Alegre, que já realizavam atividades com objetivo de melhora cognitiva. Ao final da intervenção apenas 38 idosos concluíram as atividades do GE, este mesmo grupo foi subdividido em quatro grupos para facilitar a interação e o treinamento. O treinamento baseou-se em exercícios práticos de atenção, memória episódica e funções executivas com duração de 30 minutos, além disso, os participantes faziam atividades em casa. Após a intervenção o GE obteve melhor desempenho em tarefas de atenção, memória de trabalho, linguagem, praxia construcional, resolução de problemas e funções executivas, demonstrando que este tipo de treinamento pode melhorar o desempenho cognitivo em idosos saudáveis.

O artigo intitulado “Efeito de um programa de treinamento da memória de trabalho em adultos idosos” de 2011, cujos autores são Tânia Maria Netto, Denise Vieira Greca, Nicolle Zimmermann, Camila Rosa de Oliveira, Homero Marinho Teixeira-Leite, Rochele Paz Fonseca e Jesus Landeira-Fernandez, objetivou examinar o efeito que um programa de treinamento de memória de trabalho traz no processamento da memória de trabalho em idosos saudáveis. Foram selecionados 28 idosos de uma unidade de saúde especializada em pessoas com idades avançadas, na cidade do Rio de Janeiro. Esses idosos passaram por avaliações clínicas para confirmar que se tratava de idosos saudáveis e independentes. O estudo foi delineado como quase-experimental e comparativo com avaliação pré e pós intervenção. Foram divididos aleatoriamente 28 idosos em dois grupos, um

experimental, no qual receberam o treinamento de memória de trabalho e outro controle onde aconteceu socialização. Entretanto, por diversos motivos a amostra final contou com 20 idosos, 9 participantes do grupo controle e 11 do grupo experimental. Ambos os grupos apresentaram melhor desempenho quando comparada as avaliações pré e pós intervenção, porém o grupo que recebeu o treinamento de memória de trabalho fez melhor pontuação se comparado ao grupo de socialização, mostrando que este treinamento pode ser utilizado para trabalhar memória no proceso de envelhecimento.

No artigo publicado em 2014, escrito por Regina Célia Celebrone Lourenço, Gisele Massi e Roxele Ribeiro Lima, intitulado “Trabalho com a linguagem e envelhecimento: uma busca por ressignificações de histórias de vida” o objetivo foi descrever a vivência numa oficina de linguagem que realiza discussões orais e escritas de narrativas autobiográficas de sujeitos idosos. Tratou-se de um relato de caso de uma pesquisa realizada, na qual foi utilizada entrevista semiestruturada com 10 idosos. Com base na análise das respostas foi possível verificar que as oficinas de linguagem proporcionaram para os idosos vivências subjetivas importantes para o processo de envelhecimento, promovendo assim melhor qualidade de vida e realização de sonhos antigos, sendo um deles a escrita.

O artigo “O impacto de atividades linguístico-discursivas na promoção de saúde de idosos de uma instituição de longa permanência”, 2015, escrito por Isis Aline Lourenço de Souza, Giselle Massi, Ana Paula Berberian, Ana Cristina Guarinello, Luciana Carnevale, buscou analisar qual o impacto na promoção da saúde em idosos institucionalizados a partir de atividades linguístico discursivas. Para tal atividade, foi utilizada entrevista semi estruturada, realizada oral e individualmente com 10 idosos após participarem de 16 encontros de grupo focal. Os dados foram analisados numa perspectiva bakhtiniana de linguagem, no qual os resultados afirmam que o compartilhamento das experiências de aprendizado, autoconhecimentos e sentimentos de acolhimento e pertencimento foram importantes para interação do grupo, sendo assim importante para a construção de vínculo, ressignificações do envelhecer e reintrodução do sujeito idoso na sociedade. Logo, ações fonoaudiológicas que busquem implantar estratégias de promoção de

saúde nas Instituições de Longa Permanência (ILPI's) são de extrema urgência e importância para sociedade.

Todos os artigos foram produções realizadas no sul/sudeste do Brasil, destes, dois artigos de natureza quantitativa e experimental apresentaram-se na perspectiva neuropsicológica e três artigos de caráter qualitativo, nos quais dois foram orientados pela perspectiva bakhtiniana e um utilizou a análise de conteúdo descrita por Bardin, conforme discutiremos adiante.

5. DISCUSSÃO

São escassas as produções científicas da Fonoaudiologia acerca da linguagem, memória e envelhecimento de atividades realizadas em grupo, mesmo que as produções estejam crescendo nos últimos anos, ainda é uma quantidade relativamente baixa¹². Os estudos geralmente estão associados a patologias e ao declínio biológico da pessoa idosa, sobretudo dentro de uma perspectiva individual, isso explica o número de publicações encontradas acerca do tema proposto.

É de conhecimento geral que o envelhecer traz consigo declínios biológicos que são naturais, essas alterações ocorrem em todos, até mesmo naqueles que possuem um envelhecimento saudável. Dito isso, a memória, esteja ela no lugar de domínio cognitivo ou de função social, não estará isenta desses efeitos.

Existem diferentes perspectivas que moldam as abordagens acerca da relação entre linguagem e memória, seja com objetivo de mensurar unicamente o declínio cognitivo ou de construir um novo significado para o envelhecimento. De acordo com Oliveira e Oliveira¹⁰ na literatura nacional específica sobre o tema, podemos encontrar diferentes modos de conceber teoricamente a relação entre linguagem e memória:

A concepção predominante provém da neuropsicologia que compreende a linguagem e a memória como funções cognitivas modulares, que carregam propriedades específicas e se relacionam entre si, uma segunda concepção é aquela ligada à psicanálise e ao estruturalismo europeu, onde a memória e a linguagem apresentam domínios dependentes e concomitantes, em que o funcionamento psíquico é memória governada por uma estrutura de linguagem. Uma terceira concepção é aquela de caráter dialógico que entende que linguagem é constitutiva de/na memória, sendo que a última é o lócus do discurso.

Nos artigos analisados no estudo, podemos situar duas dessas correntes acima citadas, a perspectiva neuropsicológica e a perspectiva dialógica. No que diz respeito a uma perspectiva psicanalítica, apesar de

termos conhecimento de artigos interessantes sobre a temática¹, estes não surgiram na busca realizada nas bases de periódicos específicas, acreditamos que pela escolha nos descritores utilizados pelos autores, assim como pela ausência de descritores mais específicos, tais como “oficina”.

Os artigos de Irigaray, Gomes Filho e Schneider (2010) e de Netto et al (2011), utilizam a perspectiva neuropsicológica como base de seus estudos, na qual define a memória como um domínio cognitivo composto por outros sistemas que são interdependentes, esses sistemas são responsáveis pelo armazenamento e a evocação de informações¹³. De acordo com Baddeley¹⁴, primeiro essas informações são armazenadas por um período curto de tempo e após serem processadas pelos subsistemas, essas informações são esquecidas ou transformadas em memória de longo prazo.

Nestes artigos, a relação entre a linguagem e a memória se dá a partir da interação de módulos cognitivos, subsistemas compartimentalizados. Dentro deste viés biológico sobre a memória, a superação do esquecimento seria um dos principais objetivos a ser alcançados, sendo assim, estes artigos visam à melhora da qualidade de vida melhorando ou aumentando a capacidade de guardar informações por mais tempo.

A perspectiva de cunho dialógico, orientada pelo pensamento de Mikhail Bakhtin, baseia os estudos propostos Lourenço, Massi e Lima (2014) e Souza et al (2015), essa teoria defende que a natureza da fala é social e através dela a constituição do sujeito somente é possível por meio do diálogo. Esses autores se baseiam na teoria bakhtiniana de que quando compreendemos o outro, atualizamos suas palavras às nossas palavras, de maneira dialógica. Defendem também que as relações intersubjetivas estabelecidas ao longo da vida, a alteridade, constitui o sujeito¹⁵.

Dessa forma, esses artigos analisados não objetivam promover melhora na capacidade de guardar informações e sim, a partir da evocação em atividades dialógicas das informações que as pessoas possuem de suas

¹ Por exemplo: Galli, Juliana F. Marcolino. A relação memória-linguagem nas demências: abrindo a caixa de Pandora. 2013. 156 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

histórias de vida, possam (re)construir sua identidade, favorecendo também a ressignificação do envelhecer, promovendo assim, melhora na qualidade de vida como consequência do pertencimento a sociedade e do significado do ser idoso.

O estudo proposto por Massi et al (2005) cujo o objetivo foi analisar, sob a perspectiva do letramento, os efeitos que práticas de escritas autobiográficas podem influenciar na autonomia e no bem estar de sujeitos idosos. Para isso, utilizou a análise de conteúdo proposta por Bardin. Esta técnica de análise trata dos estudos referentes ao conteúdo nas figuras de linguagem, entrelinhas e nos manifestos em si nas respostas dos sujeitos. A análise pode seguir por dois caminhos, um é da interpretação dos sentidos das palavras e o outro, da linguística tradicional¹⁶. Com isso, a partir da fala dos idosos foi possível perceber os benefícios que participar de uma Oficina de Linguagem pode trazer, mesmo quando não é perguntado diretamente, ou seja, surge na fala dos participantes da pesquisa.

É importante ressaltar que, ainda que de formas diferentes, todos os estudos analisados relataram benefícios no que diz respeito a qualidade de vida do sujeito idoso. O estudo proposto por Netto et al. (2011) considera que é possível estimular os domínios cognitivos e “possibilitar que profissionais na área da saúde prevejam ou contenham declínios nessas memórias, mantendo a independência funcional e qualidade de vida desses indivíduos durante o envelhecimento”. Enquanto que para Massi, Lourenço e Lima (2014) a qualidade de vida está associada a práticas grupais que possibilitem, por meio da linguagem dar um novo significado ao envelhecimento.

A divisão entre os artigos também pode ser demonstrada por meio das escolhas metodológicas dos dois grupos de estudos. Já que os diferentes expedientes metodológicos apresentados nos estudos podem ser caracterizados a partir da natureza qualitativa ou quantitativa com que se apresentam.

Os resultados aqui encontrados são semelhantes ao estudo de Oliveira e Oliveira¹⁰, que referem que geralmente existe uma relação entre as opções metodológicas e a abordagem teórica apresentada:

Os estudos que têm caráter cognitivista possuem metodologia quantitativa, geralmente a partir de testes de performance e ou desempenho em baterias de testes. Por outro lado, os estudos que têm abordagem qualitativa, dentro de suas especificidades, partem de um pressuposto teórico diverso em que se faz necessária a análise de dados dialógicos.

Dentro de uma perspectiva neuropsicológica, de cunho empírico, os estudos encontrados buscam “medir” tanto a memória quanto a linguagem. Os procedimentos apresentados são lista de palavras, tarefas com figuras, montar objetos, tarefas de raciocínio para o treinamento. Além disso, houve também a utilização de vários testes e protocolos que buscam avaliar a funcionalidade partindo de normas pré estabelecidas do que é normal ou patológico, como por exemplo, o Minexame do Estado Mental e o Instrumento de Avaliação Neuropsicológica Breve - NEUPSILIN.

Contudo, os três outros artigos partem de um outro ponto de vista, de caráter qualitativo, que busca revelar nos discurso aspectos constitutivos da história dos sujeitos. Os procedimentos metodológicos foram análise dos diálogos, das narrativas autobiográficas ou do conteúdo das respostas que os participantes deram a partir de questões disparadoras no grupo ou de roteiro semiestruturado realizado individualmente para avaliação de como foi participar das oficinas de linguagem.

A possibilidade de contar a própria história, dentro desta concepção teórica, é umas das principais possibilidades de (res)significar o envelhecimento. As narrativas de memórias autobiográficas possibilitam os indivíduos uma reflexão da sua trajetória a partir do que se é hoje, permitindo a ressignificação e a adicionando-a na história do outro¹⁷. A partir destas narrativas temos a possibilidade, de modo consciente, o (re) descobrimento de si e do outro, estabelecendo fortes vínculos aos participantes de uma grupo, por exemplo¹⁷.

Para Brandão¹⁸, o trabalho com memórias autobiográficas é prazeroso e aproxima pessoas:

Ao compartilhar lembranças, os tempos individuais se cruzam, formando um outro tempo coletivo, tempo presente no grupo. Este compartilhar dá lugar a uma nova solidariedade que propicia a cada um e ao grupo como um todo, a segurança necessária para os relatos em um espaço de valorização e compreensão. Assim, a indiferença, marca das grandes cidades, desaparece dando lugar a uma nova trama de relações... Assim os grupos, formados aleatoriamente, tecem uma nova trama de (re) significados.

Os participantes dos três estudos trazem em sua fala aspectos de mudanças de conceito, aprendizado, motivação, autoajuda, desenvolvimento de habilidades e construção de amizades, essas respostas mostram a importância das atuações pensando na promoção da saúde, pois estas conferem ao idoso o reconhecimento de seu papel na sociedade, promovem a cidadania e a autonomia.

Com relação ao papel do grupo nos diferentes artigos, pode-se dizer que o pertencimento a um grupo de idosos traz ao sujeito a possibilidade de se inserir novamente a sociedade, desenvolver e melhorar habilidades, além de criar vínculos e amizade. É importante destacar que para que um grupo realmente se constitua, devem existir interesses em comum entre os sujeitos, para que assim haja o funcionamento e que se estabeleçam as relações por meio de atividades linguístico-discursivas¹⁹.

As Oficinas de Linguagem realizadas pelos estudos de Massi et al (2005), Lourenço, Massi e Lima (2014) e Souza et al (2015) contaram com grupos reduzidos de pessoas, em média 10 participantes, sem nenhum relato de faltas frequentes. A adesão as oficinas são justificadas pela definição de grupo que Zierman²⁰ traz, o qual no grupo, as pessoas que participam compartilham um mesmo interesse ou objetivo com estabelecimento de vínculos e interação, diferentemente de agrupamento que caracteriza-se por conjunto de pessoas que ocupam um lugar, sem interação ou a intenção de estabelecer vínculos.

Sendo assim, o papel do grupo é importante no processo de ressignificação envelhecimento, pois, enunciados produzidos por um membro do grupo convocam os demais membros a elaborar outros enunciados,

permitindo assim que os idosos (re) signifiquem o próprio envelhecimento através das relações estabelecidas entre eles²¹.

Já com relação ao artigo de Irigaray, Gomes Filho e Scheider (2010), mesmo com todo um programa de treino cognitivo, não se exclui a possibilidade de que alguns aspectos negativos podem ser melhorados após a experiência de atividades em grupo, ainda que não seja seu objetivo. Isso fica explícito quando discute a resposta pós intervenção do grupo experimental (GE):

[...] observou-se uma diminuição dos sintomas de ansiedade e de depressão nos participantes do GE após a intervenção. Uma das hipóteses propostas a respeito da referida associação seria a de que a diminuição nos sintomas de ansiedade e de depressão foi originada pela participação nas sessões grupais de treino, que proporcionava aos idosos espaços para se sentirem valorizados e estimulados, a adquirir novas informações e a ampliar conhecimentos. As atividades grupais, com pessoas da mesma geração, podem ter favorecido a diminuição de sintomas de ansiedade e de depressão porque possibilitou a vivência e a construção de significados comuns, a conquista de novas amizades e a obtenção de suporte social, ajudando-os mutuamente tanto em condições normais e sob estresse[...]

De acordo com Ribeiro, Dassist-Leite & Bagarollo²², é possível administrar também a ansiedade comum aos seus membros através de diálogos, trocas de experiências, além do autoconhecimento. Isso demonstra que a participação em grupos, que permitam a interação entre seus membros, possa ajudá-los também com suporte emocional.

Em resumo, pode se distinguir os dois grupos de artigos pela maneira como a ideia de grupo é concebida. Dentro de uma perspectiva dialógica, o grupo se constitui como uma práxis, como uma unidade em que o todo não é somente a soma de suas partes, enquanto que dentro da perspectiva neuropsicológica a formação do grupo obedece às necessidades experimentais de pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permite refletir sobre as diferentes abordagens de trabalho em grupos de idosos e também confronta perspectivas diferentes sobre o papel da relação entre a memória e a linguagem. Se de um lado há a Neuropsicologia que define linguagem e memória em componentes modulares separados e que interagem entre si, deixando o sujeito a parte, do outro, a partir de uma perspectiva dialógica considera que memória e linguagem estão imbricadas na constituição do sujeito.

Ainda que não se tenha tomado um posicionamento explícito no que diz respeito à análise e discussão dos dados, dentro de uma perspectiva histórico-cultural que perpassa essa discussão se concebe a linguagem e a memória como funções psicológicas superiores que estão imbricadas como sistemas complexos, em que a linguagem não pode ser resumida às regras da língua ou ao seu sistema e a memória não pode ser reduzida a apenas os aspectos biológicos²¹.

Deste ponto de vista, pensar nessa relação é também pensar na promoção de saúde²³. Uma das formas de promover o envelhecimento ativo é por meio de práticas sociais voltadas para sujeitos idosos. Neste contexto, como vimos nos estudos dialógicos, tais práticas envolvendo a memória e a linguagem permitem que eles ocupem o lugar de autoria a partir de ressignificações das histórias de vida, com narrativas de caráter autobiográfico que possibilitam dar um outro significado também ao envelhecimento.

É a partir dessas atividades, enquanto trabalho sobre e na linguagem, que podemos dar sentido à nossa existência, seus dados e fatos. Por isso, com essas atividades e em função delas, as nossas percepções acerca dos fenômenos do mundo, incluindo nosso envelhecer e morrer, estão sendo permanentemente reelaboradas, repensadas e ressignificadas por meio das relações intersubjetivas que se estabelecem durante todas as etapas da vida⁷.

Conforme foi visto, uma das formas de trabalhar com a ressignificação do envelhecimento passa pelas Oficinas de Linguagem, principalmente aquelas que tangenciam a temática das histórias, memórias e narrativas dos sujeitos, já que as mesmas podem contribuir para a promoção de práticas sociais e de saúde de idosos

por meio da implementação de atividades grupais mediadas com e pela linguagem. Podem acontecer nas modalidades oral e escrita, tem valor construtivo e criativo, pois não são simples representações de realidades dadas a priori, independentemente do trabalho singular, social e histórico que desenvolvemos com a linguagem, em processo de interação permanente com nossos ouvintes e leitores.

Sendo assim, contrariando os discursos contemporâneos que desmerecem o velho e enaltecem o novo, pode-se vislumbrar a possibilidade de transformar essa fase da vida em uma fase de realizações, de enfrentamentos com a própria história de vida e mesmo da realização de projetos postergados em momentos anteriores¹².

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Ciosak SI; Braz E, Costa MFBNA; Nakano NGR; Rodrigues J; Alencar, RA. Senescência e senilidade: novo paradigma na atenção básica de saúde. Rev da Esc Enferm da USP. 2011;45(spe2):1763–8.
2. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação. Disponível em:
<https://ww2.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/> Acesso em: 29/12/2017
3. Brasil. Presidência da República. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm
4. Brasil. Palácio do Planalto. Lei nº 10741 – de 01 de outubro de 2003 – Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm
5. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Portaria nº 2528 de 19 de outubro de 2006.
<http://www.saudeidoso.icict.fiocruz.br/pdf/PoliticaNacionaldeSaude-da-Pessoa-Idosa.pdf>.
6. Brasil. Palácio do Planalto. Presidência da República. Política Nacional do Idoso. Decreto nº 1948, de 03 de julho de 1996. Disponível em
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1948.htm
7. Massi, GAA; Lourenço, RCC; Lima RR; Xavier CRP. Práticas intergeracionais e linguageiras no processo de envelhecimento ativo. In: Ana Paula Berberian; Ana Paula de Oliveira Santana. (Org.). Fonoaudiologia em contextos grupais. 1ed. São Paulo: Plexus, 2012, v. 1, p. 33-59.

8. Santos, LDMD; Da Ros, MA; Crepaldi, MA & Ramos, LR. Grupos de promoção à saúde no desenvolvimento da autonomia, condições de vida e saúde. *Revista de saúde pública*, 2006, 40(2), 346-352
9. Lourenço, RCC; Massi, GAA; Lima, RB; Trabalho com a linguagem e envelhecimento: uma busca por ressignificações de histórias de vida. In: 8o. Congresso Sul Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, 2013, Curitiba. Caderno de Resumos do 8o. Congresso Sul Brasileiro de Geriatria e Gerontologia, 2014. p. 100-100.
10. Oliveira, AF; Oliveira, MVB. Linguagem, memória e envelhecimento. Congresso da UFBA 2017. Caderno de Resumos, p. 833-834. Disponível em http://www.congresso2017.ufba.br/wp-content/uploads/congresso-ufba_caderno-resumos.pdf
11. Reimann, AP; Massi, GAA. Atividades grupais com a linguagem no envelhecer. Tuiuti: Ciência e Cultura (Online), 2013, v. 47, p. 199-212.
12. Nucci, P; Massi, GAA ; Lima RR ; Guarinello, AC; Santos Júnior, CLG. O envelhecimento na ótica da fonoaudiologia brasileira. Tuiuti: Ciência e Cultura (Online), v. 47, p. 139-154, 2013.
13. Parente, PMAM; Saboskink, PA; Ferreira, E; Nespoulous, LJ. (1999). Memória e Compreensão da linguagem no envelhecimento. *Est. Interdiscipl. Envelhec.*, Porto Alegre, v.1, p. 57-76.
14. Baddeley, AD. Working memory and language: An overview. *Journal of Communication Disorders*, (2003). 36, 189-208.
15. Medeiros CM. O sujeito bakhtiniano: um ser de reposta. *Revista da faculdade do Seridó*. 2006;1(0):1-7.

16. Campos, CJG. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Revista brasileira de enfermagem*, 2004.
17. Cabral, P; Amaral; R; Brandão, V. Oficinas de memória autobiográfica. Conversando com idosos: o registro das memórias vivas. *Revista Kairós: Gerontologia*, v. 12, n. 1, 2009.
18. Brandão, VMAT. Memória (auto) biográfica como prática de formação. *Revista @mbienteeducação*, São Paulo, v. 1, n. 1, 2008.
19. Souza, APR; Crestani, AH; Vieira, CR Machado, FCM; Pereira, LL. O grupo na fonoaudiologia: origens clínicas e na saúde coletiva. *Revista CEFAC*, 2011, 13(1).
20. Zimerman D. Fundamentos básicos das grupoterapias. Porto Alegre: Artmed; 2000.
21. Souza Filho PP; Massi, GAA. A influência da estrutura de um grupo na linguagem escrita de idosos: um estudo de caso. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (Impresso)*, 2011, v. 16, p. 350-355
22. Ribeiro, VV; Panhoca, I; Dassie-Leite, AP, & Bagarollo, MF. (2012). Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura. *Revista CEFAC*, 14(3).
23. Oliveira, MVB. Além da ponta do iceberg: os TOTS e as funções psicológicas superiores. In: Oliveira, MVB. *Palavras na ponta da língua*. SP. Pedro&João editores. 2017. p.143-204

ANEXO

Tabela 1

Base de dados	SciELO	Periódico Capes	Lilacs
Descritores Combinados			
Fonoaudiologia AND Linguagem AND Envelhecimento	7	11	14
Envelhecimento AND Linguagem AND Memória	16	52	30
Envelhecimento AND Narrativas pessoais	4	52	5
Total		191 artigos	